

Mais alguma da poesia da autoria de Arthur Virmond de Lacerda Neto.

PÁSSARO MORTO.

2.V.2017.

No mercado Festival, da rua 15 de novembro, em Curitiba. O rapaz chamava-se Lucas; apresentamo-nos por nome. A informação de que se cuidava de chopim foi-me propiciada pelo ornitólogo Fernando da Costa Straube, no mesmo dia.

Foi hoje de tarde; de três horas passava,
e porque erva mate me escasseava,
para de fardos dela me abastecer
e chimarrão sorver, quando me apetecer,
dois pacotes no mercado comprei.
Na bicha, antes de pagá-los, rapaz notei
e olhar atento lhe fixei.
Ele me viu, porém mal me relanceou
e em mim mais não atentou.
Há, contudo, olhares fugazes, em aparência ligeiros,
que ocultam sentimentos vívidos e verdadeiros.
Na saída, depara-se-me o inesperado:
encontro, exânime, bicho alado.
Era pássaro: - *Será gralha azul ou chopim ?* excogitei.
Do chão, pesaroso, o arrepanhei.
Era bruno por inteiro e se me afigurou negro azulado:
pareceu-me gralha, e morto pôs-me contristado.
Gralha azul, do Paraná é símbolo alado:
sustinha, se o fora, cadáver venerado.
Afinal, gralha não era, senão chopim,
soube-o empós: mantive-lhe pesar, mesmo assim.
Ave simbólica ou ave trivial,
respeito e carinho nos merece todo animal.
Propínquo de mim, o rapaz à cena assistiu
e, com meiga entonação, me inquiriu
se, de veras, morto estava.
Sim, e frio ainda se não encontrava:
finara de fresco e inda há pouco vivia.
No chão, de asas e olhos fechados, já agora jazia.
Que dele fazer, interroguei-me, com recusa de atirá-lo ao monturo:
seria desdenhá-lo e imputar-lhe destino indigno e escuro.
Pássaro, mesmo inânime, é bicho
e negregada atitude seria arrojá-lo ao lixo.
Cogitei de encomendar empalhá-lo,
porém sugeriu-me Lucas, o rapaz, sepultá-lo
nos fundos do mercado, em arvoredos,
onde cova ele abriu, sem segredo,
com a força das suas mãos, de terra empoeirados,
e com os seus sentimentos, delicados.
Nela depus o morto e de terra cobrimo-lo, eu sentido,
Lucas, decerto, por igual, compadecido.
Inumei-o, inumamo-lo com respeito e bondade:
ave morta, ave bela, mereceu-nos o conceito da piedade.
Lucas era moço de voz baixa e melodiosa,
e de entonação mansa e maviosa.
Falava-me com doçura;

ouvi-lhe voz de brandura.
Despedimo-nos com simpatia,
unidos por recíproca empatia,
em que eu sentia
e ele, suponho, de si para si, repetia:
mimosa ave, pássaro morto,
jaz em eterno conforto.
Que da terra em que o guardamos
nasçam flores: dele sepulto, memória tenhamos
e que do seu diminuto corpo, inerte com tristeza,
advenham cores várias e invariada beleza.

HETERO OU HOMO.

(Versos soltos, brancos e livres, com anáfora.).

12.V.2017.

-Eu te amo !!
-Mas eu sou hetero !!
-Faze como eu: converte-te !!
-Mas e se, depois, arrepender-me ?
-Faze como eu: acende uma vela para deus e outra para o diabo !!
-Ah !! E se não der certo ??
-Faze como eu: fica do lado certo !!
- Qual deles é? Por qual me decidir ?
-Faze como eu: usa o que verdade tua contiver.
-O que vão dizer ? O que vão pensar?
-Faze como eu: com tal não te importes.
-Mas ainda não sei...hesito.
-Faze como eu: sente e segue o teu sentir.
-Sinto para um lado, porém ensinaram-me o outro.
-Faze como eu: desdenha do que te ensinaram, que te ensinaram a verdade deles.
-Percebo ! Devo seguir a minha?
-Faze como eu: viva e deixe viver.
-Alguns desgostam do alheio gostar...
-Faze como eu: cada um na sua e todos em frente.
-Os religiosos são intolerantes e arcaicos.
-Faze como eu: vive o tempo teu e esquece-te do obsoleto.
-Em suma: ser feliz ao modo meu?
-Faze como eu: procede assim, que está no caminho teu.
-Dar-me-ei bem?
-Faze como eu: sê feliz.

Poeta.

13.5.2017.

Poetar equivale a escrever, com rimas ou sem elas:
frases rimadas, prefiro-as: colimo-as belas.
Que árdego, rima desencantar para “Nicolas”:
raras, esmiucei e só encontrei ícolas e silvícolas.

Com a segunda me safei:
a tudo juntei e lá poetei,
nas estrofes em que quase amor cantei;
o meu, que, do dele, nada sei.
Para a humana condição de hetero,
encontrei rima em cronológico adjetivo: vetero;
para a de macho condição de homo,
invoquei o nome do alegre deus Momo.
Em livro de versos, emparelhadas, dar-vo-las-ei.
Li Camões e com ele me impressionei;
descobri Virgílio e logo a imitá-lo aspirei !
De Homero exclamei: com este, me espantei !
Coletânea de Bocage... dela, vocabulário acumulei !
Jurídicos, livros não produzo;
poemas, deitos-os de modo, quando posso, profuso.
Com aqueles, mal faria e arrepender-me-ia...
Com estes, mais os fizesse, mais belo o mundo ficaria.
Eis porque me deleita poetar:
para a mim entreter e aos mais tentar encantar.
Livro jurídico logo envelhece,
semelhante à flor que fenece,
discrepante das rimas e dos versos,
refrigério dos dias adversos.
Livro de Direito obsoleto, é papel velho que se deita fora;
poesia, mesmo velha, é texto de que se exclama: ler, e agora !
Epicédios, sonetos, versos brancos, rimas emparelhadas,
clássicos, modernos, quadras, sextilhas, rimas alternadas,
odes, idílios, sátiras, epigramas, elogios, alegoria,
abunda a forma, é muito o fundo e não há sensaboria !
Jurista, estudante, professor ou comum do povo,
lê poesia e prosa, e serás como homem novo:
mais entretido e bem ocupado,
ficarás mais instruído e de assunto bem dotado.
Virgílio, Horácio, Hesíodo, Bocage, Camões
eis da literatura os heróis e de todos os dias, belas distrações.

FLECHAS DE CUPIDO.

14.V.2017.

Cupido, deus do amor, flechas disparou.
Coração de Zeus, logo acertou.
O de Ganimedes, fusco mancebo, errou.
Foi obra de Apolo ?
Não ! Quem deseja a Jacinto não obra com dolo.

Foi má a tua pontaria, oh, Cupido !
No próximo disparo, lança dardo mais comprido !

UM ANJINHO.

14.V.2017.

No céu do meu coração há um anjinho.
Sempre lá estará, com o meu carinho,
ainda que no Olimpo outro Zeus prevaleça
e onde, sozinho, permaneça.

PICA DURA ou PICADURA ?

(Priapéia).

15.V.2017.

Coça-me o corpo: de inseto levei picadura,
que me causa incômoda alergia.
Melhor fora ter a pica, dura:
ao menos, consolar-me-ia.
Antes tê-la alegre e endurecida
a tristonha e emurhecida,
que o mesmo é dizer: mais dura do que mole:
se fora frouxa, carecera de fole
com que Zéfiro lhe assoprasse
e à preciosidade me curasse.
Se, mesmo assoprada, mole perdurasse,
remédio seria a Príapo imprecicar,
a Júpiter apelar, a Mercúrio invocar:
*-Amigos deuses, ponde-me, de novo, a cousa dura;
a minha é bela e quero que se eleve a grande altura!*
Da sua beleza, modesto, não me gabo eu:
é o de que já vária gente me convenceu!
Ou melhor seria pronome corrigir
e com mais verdade asserir:
“É o de que já vária gente se convenceu” ?
Com um ou com outro, dizem do que é somente meu
o que alguma gente conheceu !
Outros, de conhecê-lo, move-lhes curiosidade
e ânimo de instá-lo a que entre em atividade.
Alguns, contudo (resistente eu) passarão vontade:
a preciosa peça permanecerá guardada,
para, na ocasião própria e com a pessoa certa, ser bem usada.
Enquanto isto, divirta-se cada um com o que é natural
e com volúpia lance de si, ao fazer o que é normal.
Se longe atirar e com abundância disparar,
nada terá que lamentar e sim muito com que se regozijar.

DOUTOR.

16.V.2017.

Disse-me que, não sendo eu doutor, com doutorado,
era-lhe doutor, no seu coração: era por ele acarinhado.
Acrescentou: se mil vezes lhe perguntassem o que gostaria de ser,
mil vezes responderia: *-Seu, ser.*
Ter-lhe o bem querer
e a ele querer, eis-me venturoso viver.
De mais, não preciso:
exprimo sentir preciso.
Declarou-se por mim apaixonadinho, no diminutivo,
afetuosa forma como exprimi sentimental substantivo.
Coração de um, nas mãos do outro;
mãos de um, no amor do outro.
Mãos dele, tocaram-me como amigas e não somente:
tem-me a mim, em mente.
Desejou-me, em hipérbole, mil beijinhos:
votou-lhe, sem metáfora, mil carinhos.
Já madrugada, desejei-lhe bons sonhos;
deslembrei-me de imaginá-lo com olhos risonhos,
porém recordou-se ele de apodar-me de Zeus:
finalmente alguém compreendeu os devaneios meus!

VÁRIOS ANJINHOS.

16.V.2017.

No céu do meu coração há vários anjinhos
e vários bem bonitinhos.
Dardos de mancebo alado, Amor,
leva-se, um ou vários, todos sem dor.